

## 16 DIAS DE ACTIVISMO CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÉNERO

# Três vidas, três histórias de brutalidade

Notícias, Mulher, 10.12.2021, Pág. 02, Ed. nº 31.478

IOANA MACIE

“NÃO sei quem é o pai do meu filho”, desaba-fa Aissa Mussa (nome fictício), uma jovem de 18 anos que carrega o peso de criar uma criança gerada durante a fuga dos terroristas, em Cabo Delgado. Aissa é do distrito de Macomia e lembra que um dos ataques dos terroristas obrigou à fuga da família para a cidade de Pemba, ela frequentava a 10ª classe. “Estava com meus pais e meus quatro irmãos no mato escondidos, quando os terroristas nos interceptaram. Mataram o meu pai e levaram a mim e o meu irmão que na altura tinha 20 anos”, conta com as lágrimas a escorrer pelos olhos. Depois foi separado do irmão e, até hoje, nunca mais o tornou a ver.

Aissa conta que durante um ano, até o seu resgate pelas Forças de Defesa Nacional, foi obrigada a ser mulher de muitos homens. E nesse período ficou grávida. “Por isso, não sei quem é o pai do meu filho”, disse, agradecendo, contudo, a Deus por ter conseguido sair com vida das mãos dos terroristas e juntar-se à mãe e seus irmãos.

Lamenta, no entanto, a morte do pai e o desaparecimento do irmão levado pelos terroristas na mesma altura



Mulheres constituem a maioria nos deslocados das acções do terrorismo em Cabo Delgado

que ela. “A nossa vida mudou. Hoje somos dependentes do governo para tudo, a nossa mãe é doente e temos medo que lhe aconteça algo pior”, disse.

Segundo Aissa, muitas mulheres e raparigas foram violadas não só pelos terroristas, mas elas não gostam de falar do assunto, por ser demasiado constrangedor.

Os terroristas ameaçam a província de Cabo Delgado desde 2017. Segundo dados do

governo e das Nações Unidas, mais de 800 mil pessoas foram deslocadas das suas zonas de origem, 52% das quais são crianças até aos 18 anos e, destas, a maioria são raparigas, 27% são mulheres adultas, sendo mais de 3000 estavam grávidas em Setembro deste ano, e 21% são homens adultos.

No âmbito da campanha dos 16 Dias de Activismo contra a Violência de Género, que termina hoje, as organizações

femininas da sociedade civil, lançaram esta semana um documento intitulado “Um retrato da guerra em Cabo Delgado nas vozes das mulheres”, que aponta como impactos deste conflito o abandono, a pobreza, doenças, abusos sexuais, raptos, assassinato, traumas e sujeição à espiral de violência que se estende do campo de batalha ao espaço doméstico.

Segundo o mesmo documento, apesar de se dizer que

elas não são vítimas directas porque não sofrem as decapitações, as mulheres enfrentam duplamente esta guerra. “Sofrem nas mãos dos terroristas e sofrem também nas mãos das próprias forças”.

A destruição e o abandono das suas terras, isola-as e elimina todas as redes de vizinhança e de apoio que tinham nas suas aldeias, tornando-as ainda mais vulneráveis a todos tipos de violência e discriminação, acrescenta o estudo.

## DISCUTINDO LEIS

DIDIER MALUNGA  
Jurista - didiermalunga@gmail.com



### Dignidade e direitos (43)

(Conflitos armados, acesso aos direitos e a dignidade)

REFERÊNCIA DE PARTIDA: hoje, 10 de Dezembro, culmina a jornada dos 16 dias de activismo pelos Direitos Humanos, celebrando-se o 73º aniversário da aprovação, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Nos antecedentes da elaboração daquele instrumento universal, se inserem a guerra, o holocausto, o lançamento das bombas atómicas, tudo à sombra da Segunda Guerra Mundial. Hoje, Moçambique vive situação de conflito armado, o que reforça a ideia de os direitos humanos precisarem, constantemente, de presença no quotidiano social. A questão a reflectir visa avaliar até que medida a situação do conflito armado pode colocar sob ameaça os direitos humanos e em consequência, o declínio da dignidade humana. O eixo de análise será o registo e a identificação civil como porta de acesso aos direitos.

#### DISCUTINDO

O artigo 1 da DUDH traduz a alma do sentimento dos povos quanto a esta matéria. Com efeito, a liberdade, a igualdade e a dignidade são, no seu conjunto, a alavanca para a dedução de direitos humanos orientados ao respeito pelo semelhante, agindo uns com os outros em espírito de fraternidade.

Num ambiente de guerra, colapsam os sistemas organizativos da administração do Estado e a porta de acesso aos direitos se reduz expressivamente.

A guerra está a destruir infraestruturas e assassinando o pessoal técnico de suporte ao funcionamento das instituições de Estado. Para o caso do conflito em Cabo Delgado, assiste-se a um ambiente em que as Conservatórias dos Registos foram destruídas e com essa hecatombe, se foram os dados inerentes à identificação das pessoas. Dentre as consequências desta desgraça humanitária se alis-

tam as seguintes situações que possam decorrer da perda dos suportes documentais do registo civil: vulnerabilidade das crianças às uniões prematuras, tráfico de menores, perda de herança, recrutamento infantil para a guerra, adulteração de dados pessoais e duplicações de registos, infiltrações de estrangeiros no sistema registral, dentre outros casos.

Na linha conclusiva, mostra-se, pelos elementos acima, que todo o sistema de amparo legal dos direitos humanos assenta na prova registral da existência jurídica humana. A pessoa existe do seu nascimento, mas a falta do registo dificulta a efectiva protecção legal. A certidão de nascimento se configura botão de acesso ao efectivo exercício de direitos.

#### DEBATE CONTINUO

Contínuo se concebem dois níveis de debate: (i) jurídico-organizacional, exigindo-se que ferramentas mais seguras se levem em conta, designadamente a informatização dos dados do registo e sua disponibilidade numa base electrónica que permita a sua conservação perpétua; (ii) jurídico-cultural, urgindo o fortalecimento da consciência social no registo atempado do nascimento e de outros eventos civis, vincando, neste ponto, o envolvimento de actores influentes nas comunidades para uma constante popularização da importância de registar.

Também se equaciona premente reflectir continuamente na seguinte questão de base: como colocar os direitos humanos no quotidiano social, nas casas, no amor, na amizade, nas avenidas, na escola, no trabalho, na governação, enfim, em toda a estrutura da vivência humana? Os direitos humanos devem significar o carácter da pessoa, a moldar desde a tenra idade, pelo contrário, serão, apenas, uma elaboração teórica, não efectiva, socialmente.



# A amarga experiência de uma união prematura e forçada

ISAURA Macuácuá, 52 anos e líder comunitária do bairro Filipe Samuel Magaia, no distrito de Boane, transporta uma dor desde os 15 anos. Conta que em 1984 foi forçada a uma união prematura pelos pais, com um jovem de 23 anos com quem teve três filhos.

“Não fui consultada, foi um assunto tratado pelos meus pais e os avós do pai dos filhos. Num dia, minha mãe chamou-me e comunicou que quando eu estava na escola receberam uma família que vinha pedir-me para ser esposa do seu neto, que vivia na Matola Gare. Não respondi nada”, diz.

Em Setembro do mesmo ano, a mesma família voltou para o lobolo e, em Outubro, foi acompanhada para o lar, sendo obrigada a interromper os estudos e tornar-se adulta.

“Eu vi uma família a chegar em casa e logo os meus pais chamaram-me e mandaram-me arrumar as minhas coisas para ir ao lar. Deram-me como companhia a minha irmã mais

nova, então com 11 anos”, explica, salientando que foi orientada para não mandar fazer nenhum trabalho às crianças que iria encontrar no lar, mas sim a sua irmã.

Chegada à sua nova família, depois de ter caminhado quase toda a noite, de Boane a Matola Gare, à Isaura foi indicada a palhota onde passaria a dormir e a machamba.

Conta que só conheceu o seu marido seis meses depois, uma vez que estava na Escola Prática de Polícia de Matalana. No dia em que o marido chegou foi avisada pela sogra para não ir à machamba. “Ela disse, filha, o seu marido chega hoje, é bom não ir à machamba para poder se organizar para recebê-lo. Quando chegou (...) peguei susto. Eu tinha apenas 15 anos e ele 23”, contou.

“Cheguei a pensar em fugir, mas não tinha ideia do caminho. Submeti-me a ele e engravidei. Confesso que não foi fácil habituar-me à situação”, disse.

Cinco anos depois, com 20



Isaura Macuácuá

anos e três filhos, a relação azedou. O marido iniciou uma relação com outra moça. “Já me agredia, não ficava em casa e não ouvia mais a própria mãe”.

Certo dia, o marido expulsou-a de casa, alegando que ela não era a mulher escolhida por ele, mas sim pelos seus pais. “Isso ainda dói-me. Passei muitas dificuldades para criar os meus filhos”, lamenta.

Porque o azar não caminha só, Isaura conheceu outro homem, com quem teve dois filhos, mas não deu em nada, ficando com cinco filhos à sua responsabilidade.

Ao longo do tempo, Isaura envolveu-se em diferentes actividades e abraçou o associativismo. “Posso dizer que superei todas as dificuldades, consegui educar os meus filhos para não passarem o que eu vivi”, disse, orgulhando-se de ter duas viaturas e uma loja de venda de diferentes produtos.

(GENDER LINKS)



Felismina Mbeve

## Brincando com o foco

JÁ na vila sede do distrito da Manhica, provincia de Maputo, existem mulheres jovens que se unem em pequenos grupos para extorquir homens, principalmente em bares.

Segundo Felismina Mbeve, líder comunitária de um dos bairros da vila da Manhica, ainda este ano recebeu um caso de uma jovem que foi abusada sexualmente por um homem depois desta e suas amigas terem tentado se aproveitar do extorquir do

indivíduo.

“Ela e as amigas beberam e comeram à custa deste homem, para em troca oferecerem o prazer sexual. Mas as jovens, como era de costume, puseram-se em fuga, saindo uma por uma do bar. O senhor apercebeu-se e pegou em uma delas. Submeteu-a a abusos sexuais toda

a noite, causando-lhe ferimentos nos órgãos genitais”, disse.

A vovó Felismina, como é carinhosamente tratada, lamenta o sucedido com esta menina, mas critica com veemência o comportamento destes jovens, que favorece casos de violência, quer sexual quer física.

(GENDER LINKS)

Mulher grávida, continue com as consultas pré-natais na Unidade Sanitária e pratique as medidas de prevenção da COVID-19 para proteger a si e a seu bebé